

# BANQUETES DE VIDA: A DIACONIA NAS COMUNHÕES DE MESA DE JESUS<sup>1</sup>

Rodolfo Gaede Neto<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo contém um estudo sobre as comunhões de mesa de Jesus. O objetivo da investigação é contribuir para a fundamentação teológica e a contextualização da diaconia. Aborda-se a questão do espaço que esse tema ocupa nos evangelhos, apresenta-se um exercício hermenêutico realizado com sete textos representativos e extraem-se desse estudo alguns desafios para a diaconia na América Latina. O artigo projeta a construção de mesas em torno das quais as pessoas possam se reunir para saciar a fome de pão e a sede de comunhão, um espaço-embrião para a desconstrução das barreiras sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas, com vistas à reconciliação universal.

**Palavras-chave:** Comunhão de mesa. Servir à mesa. Diaconia. Reconciliação.

*Banquets of life:  
diaconia at the table communions of Jesus*

**Abstract:** This article contains a study about the table communions of Jesus. The goal of the investigation is to contribute to the theological foundation and the contextualization of diaconia. It deals with the place that this theme occupies in the Gospels, it presents a hermeneutical exercise carried out with seven representative texts and some challenges are extracted from this study for diaconia in Latin America. The article projects the construction of tables around which people may gather to satisfy their hunger for bread and thirst for communion, an embryo-space for deconstructing social, economic, political, cultural and religious barriers aiming at universal reconciliation.

**Keywords:** Table communion. Serving the table. Diaconia. Reconciliation.

**A**o afirmar que “o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10.45), Jesus está assumindo o “servir” (*diakonein*) como marca de sua missão neste mundo. Essa marca, porém, tem uma definição ainda mais específica, quando Jesus escolhe o “servir à mesa” como expressão do seu modo de ser: “Qual é maior: quem está à mesa [deixando-se servir], ou quem serve [à mesa]? Porventura não é quem está à mesa? Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve [à mesa]” (Lc 22.27).

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 31 de agosto de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 14 de setembro de 2010.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia, professor de Teologia Prática e coordenador do bacharelado em Teologia da Faculdades EST, São Leopoldo/RS. [rodolfo@est.edu.br](mailto:rodolfo@est.edu.br)

Se pudermos entender essas expressões como autorrevelação de Jesus, como declarações a respeito do sentido de sua missão neste mundo, então se abre aqui um campo de investigação que nos desafia a buscar dados novos a respeito do perfil do Jesus histórico, do seu ministério e de sua teologia.

O que o ministério de Jesus de Nazaré pode ter concretamente a ver com o “servir à mesa”? E por que Jesus busca essa expressão (*diakonein*) no mundo profano, no submundo de trabalho das escravas e dos escravos, das servas e dos servos, das mulheres e das crianças, das pessoas não-cidadãs para designar o seu modo de ser como proclamador do reino de Deus?

Ao se colocar na posição de quem serve à mesa, ao identificar-se com as pessoas que, por força da divisão da sociedade em castas, precisam realizar todo tipo de trabalho pesado que um cidadão livre não se digna a realizar (porque se deixa servir por elas), Jesus propõe uma inversão das coisas que afeta a sociedade inteira, atinge a sua espinha dorsal, a sua estrutura, que é promotora de divisões, de fome, miséria, doenças, acúmulo de riquezas e discriminações de toda sorte.

Ao falar do “servir à mesa”, Jesus se refere às relações de poder na sociedade do seu tempo; fala dos problemas sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos que tão profundamente afetam o povo de Deus a ponto de romper sua unidade e quebrar a sua convivência.

Em torno de uma mesa, muita coisa acontece, para o bem ou para o mal: está lá o pão ou não está; estão lá as pessoas que precisam do pão, ou não estão; há mesas que acumulam o pão, há mesas com falta de pão; há acesso à mesa para todas as pessoas ou há barreiras para o acesso; há mesas que promovem a comunhão entre as pessoas e há mesas em que pessoas são discriminadas.

Jesus percebeu como a mesa está no centro da vida e das relações humanas. Aliás, não só desta vida, mas também no reino vindouro: Jesus compara o reino dos céus com um banquete (Mt 22.1-14).

Se a comunhão de mesa pode prefigurar o reino de Deus, então vale a pena colocar-se a seu serviço. É o que Jesus faz. Ele realiza muitas ceias comunitárias no dia a dia do seu ministério. Jesus de fato realizou um constante serviço de mesa, mais do que a gente normalmente supõe, com pessoas pobres, doentes, deficientes, oprimidas, pecadoras...

Aí está um tema ainda pouco explorado no estudo do Novo Testamento. Poucos pesquisadores vinculam o ministério prático de Jesus de Nazaré ao serviço de mesa.<sup>3</sup> Parece-me necessário resgatar esse aspecto, pois belas surpresas podem estar aguardando quem se ocupa com o tema das comunhões de mesa ou com a comensalidade de Jesus.

---

<sup>3</sup> Neste sentido, vale a pena conferir o importante estudo do teólogo húngaro János Bolyki, traduzido para o alemão, intitulado *Jesu Tischgemeinschaften*. Recomendo também as pesquisas de John Dominic Crossan (*O Jesus Histórico*), de Rúben Dri (*A Utopia de Jesus*) e de Norman Perrin (*O que ensinou Jesus realmente?*).

O tema será abordado em três pontos: a) considerações a respeito do espaço que o tema ocupa dentro dos evangelhos; b) um exercício hermenêutico com os textos de Mt 8.11 e Mt 22.1-14; Mc 7. 24-30; Lc 16.19-31; Lc 15.11-32; Mc 6.30-44 e Lc 14.7-14, e c) conclusões e contextualização.

## A presença do tema nos evangelhos

Normann Perrin afirma que “[...] podemos ver nesta comunhão de mesa a característica principal do ministério de Jesus”.<sup>4</sup> Ao mesmo tempo, John Dominic Crossan afirma que a prática da comensalidade é “a essência do movimento original de Jesus”.<sup>5</sup>

De fato, chama atenção a presença quantitativa de textos que se ocupam com esse tema. Um número surpreendente de narrativas apresenta Jesus realizando comunhão de mesa ou ensinando a partir da metáfora da comunhão de mesa.<sup>6</sup> O evangelista Lucas, por exemplo, destina o espaço de um quinto de sua obra a essa atividade de Jesus. Nos evangelhos, o verbo “comer” aparece em 76 textos (noventa por cento das vezes ligadas às comunhões de mesa de Jesus).<sup>7</sup>

Também a presença qualitativa surpreende: a exegese situa a maioria desses textos no contexto da atividade histórica de Jesus de Nazaré.<sup>8</sup> Portanto as comunhões de mesa de Jesus têm boa consistência histórica.

Nesse sentido, um dado relevante é que os textos sobre as comunhões de mesa de Jesus encontram-se espalhados pelos mais diferentes gêneros literários: nos ditos de Jesus; nas parábolas; nos discursos de controvérsias; nas histórias de milagres; nas narrativas biográficas; na história da paixão; nas epifanias do Ressurreto. A exegese acredita que o testemunho do mesmo tema em gêneros literários tão diversos é uma evidência de seu valor histórico.<sup>9</sup>

Considere-se também o fato de que, quando a comunidade primitiva assumiu “partir do pão” como seu distintivo, tratava-se de uma atividade que não tinha

---

<sup>4</sup> PERRIN, Norman. **O que ensinou Jesus realmente?** São Leopoldo: Sinodal, 1977. p. 133.

<sup>5</sup> CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo.** Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 378.

<sup>6</sup> Confira um levantamento de textos que tematizam a comunhão de mesa na prática e no ensino de Jesus, em GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia em contexto de diversidade religiosa e cultural: um estudo a partir de comunidades afro-brasileiras e das comunhões de mesa de Jesus.** 2002. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2002. p. 175ss.

<sup>7</sup> Sob o verbo “comer” estão reunidas as três variantes do texto grego *esthein, fagein e trógein*. O significado desse dado fica realçado quando o comparamos com a presença de outros conceitos importantes nos evangelhos, como é o caso de “ensinar” (*didáskein*), que pode ser encontrado apenas 55 vezes.

<sup>8</sup> Confira o estudo exegético dos textos referentes à comensalidade de Jesus, em BOLYKI, János. **Jesu Tischgemeinschaften.** Tübingen: Mohr Siebeck, 1998. p. 69ss.

<sup>9</sup> A presença do tema em gêneros literários diversos nos faz suspeitar que os veiculadores dos diferentes tipos de relatos tenham se servido de material comum da tradição e que as diferentes coleções orais tenham tido como base fatos históricos comuns. Sobre isso cf. BOLYKI, 1998, p. 1-65.

sua origem apenas numa última ceia, e sim em toda a tradição das comunhões de mesa de Jesus. Estava se dando continuidade a uma prática que era comum no ministério de Jesus.<sup>10</sup>

O evangelista Marcos encontrou uma forma original para expressar a importância das comunhões de mesa de Jesus. Faz culminar cada uma das três etapas do ministério de Jesus numa ceia: a) da Galileia, Jesus se despede comendo com cinco mil pessoas (6.30-44); b) ao deixar seus adeptos da região gentílica de Decápolis, Jesus promove uma ceia em que participam quatro mil pessoas (8.1-10); c) a despedida de seus discípulos, em Jerusalém, acontece com a última ceia (14.12-26).

Outro exemplo interessante de realce das comunhões de mesa de Jesus é a forma como o evangelista João “emoldura” sua obra: excetuando-se o primeiro capítulo, temos, no início, a narrativa da comunhão de mesa no casamento de Caná (2.1-11) e, no fim, a ceia do resurreto com seus discípulos (21.1-14).

Digno de nota é também o fato dos oponentes de Jesus o terem chamado de “glutão e bebedor de vinho” (*fágos e oinopótes*, Mt 11.19), uma alusão clara à sua prática de comensalidade. Esses atributos dados a Jesus certamente reforçam a credibilidade histórica de suas comunhões de mesa. Nenhum dos redatores teria interesse em incluir por conta própria atributos tão pejorativos, que ferissem a imagem de Jesus. E se, por outro lado, não os desconsideraram em seus trabalhos de redação, é porque seu fundo histórico era incontestável.

Os fortes atritos que Jesus teve com as autoridades religiosas por causa da comensalidade com “publicanos e pecadores” (Mc 2.15-17), ou seja, com as ceias comunitárias abertas, são, sem dúvida, indicativos de que essa atividade também foi uma das principais causas da cruz. “Deve ter havido algo neste fato que causou séria ofensa aos contemporâneos de Jesus”, conclui Norman Perrin.<sup>11</sup>

Portanto as comunhões de mesa de Jesus não podem ser consideradas tema periférico nos evangelhos. Pelo contrário, ocupam um papel bastante central.

Esse foi o serviço de mesa de Jesus. Essa foi a diaconia de Jesus. Por causa dessa atividade, ele diz: “No meio de vós eu sou como quem serve à mesa”.

A seguir, serão apresentados breves estudos de alguns textos bíblicos selecionados. Esses estudos foram realizados a partir da chave hermenêutica da mesa, e assim pretende-se exercitar uma aproximação à comunhão de mesa praticada e ensinada por Jesus.

<sup>10</sup> As refeições comunitárias no cristianismo primitivo “são continuação de uma prática regular no ministério de Jesus” (PERRIN, 1977, p. 130). Cf. também CROSSAN, 1994, p. 398-405.

<sup>11</sup> Veja a argumentação desse autor em NORMAN, 1977.

## Um exercício hermenêutico

### Mt 8.11 e Mt 22.1-14

O primeiro texto é um dito (*lógion*) de Jesus: “Muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugar à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus”. A versão de Lucas (13.29) diz: “Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e tomarão lugares à mesa do reino de Deus”.

Jesus manifesta sua convicção de que todos os povos, provenientes de todos os quadrantes da terra participarão no vindouro reino dos céus. Deus vai reunir à mesa, juntamente com os patriarcas, não só os eleitos, mas todas as pessoas, inclusive os gentios.

Tudo indica que Jesus assume, neste *lógion*, a tradição apocalíptica pós-isaiânica (Is 25.6). Essa se fundamenta na fé de que Javé é o rei de todos os reis e povos, Senhor de toda a criação e que sob o seu senhorio haverá fartura de comida e bebida para toda gente e a paz reinará em toda a terra, inclusive entre os animais (Is 11.6ss). Em Mt 8.11s, na verdade, duas expectativas da tradição estão fundidas: a da ceia salvífica, em Sião, para todas as pessoas e a da peregrinação dos gentios para Sião.<sup>12</sup>

No segundo texto, Jesus conta que um rei preparou uma grande festa, com um grande banquete. Convidou seus amigos. Esses estavam ocupados, cada um com o seu próprio projeto de vida. Diante da rejeição do convite, o rei mandou chamar: a) os que se encontram “nas encruzilhadas dos caminhos” (v. 9); b) “a quantos encontrardes”; c) “maus e bons” (v. 9-10). Lucas acrescenta: as pessoas das ruas e becos; as pobres, aleijadas, cegas e coxas (Lc 14.21).

O primeiro convite era seletivo (Jesus veio para os seus – Jo 1.11a). O segundo é aberto, aleatório. Uma segunda lista de convidados é preparada: uma lista aberta.

Quando o convite para um banquete é feito aleatoriamente, vem todo mundo: adultos, crianças, mulheres, homens, jovens, pessoas idosas, brancas, negras, amarelas. É uma grande mistura. E todo mundo come e festeja junto. Uma grande comunhão de etnias, raças, sexos, idades em torno da mesa.

É o que Jesus se imagina para o banquete do reino dos céus. Ele projeta para o tempo vindouro essa imagem do reino de Deus: um lugar aberto para todas as pessoas, indiscriminadamente. Nele só não estarão os que dele se excluem, em nome de um projeto de mesa particular.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Sobre isso, confira os estudos de a) BECKER, Jürgen. **Jesus von Nazaret**. Berlin; New York: Gruyter, 1996. p. 194s; b) BOLYKI, 1998, p. 68ss. Joachim Jeremias conclui sobre o texto em pauta que embora Jesus não tenha efetivamente promovido um projeto de missão entre os gentios, sua expectativa era a da participação dos gentios no reino de Deus (JEREMIAS, Joachim. **Neutestamentliche Theologie**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus; Gerd Mohn, 1971. v. 1, p. 134, 236).

<sup>13</sup> Cf. também Lc 16.19-31; Lc 18.18-23 e Lc 15.25ss.

Os textos revelam qual é a esperança que move Jesus em seu ministério. Essa expectativa escatológica ilumina o seu presente histórico, levando-o a realizar eventos em que essa esperança é sinalizada concretamente: promove, no dia a dia de seu ministério, comunhões de mesa abertas. Tanto o realiza, que os escribas e fariseus o acusam de “glutão e bebedor de vinho” (Mt 11.19) e perguntam a seus discípulos: “Por que come e bebe ele com os publicanos e pecadores?” (Mc 2.16). Jesus age de acordo com o que espera.

Assim, percebemos em Jesus uma consciente compreensão de “mesa”: um lugar de serviço em favor da realização do reino de Deus no tempo presente. E como tal, um lugar aberto, que acolhe todas as pessoas, sem exigência de condições prévias, para saciar a fome de pão e a sede de comunhão. Um espaço aberto especialmente para as pessoas para as quais o acesso ao pão e à comunhão está bloqueado: pessoas da rua, pobres, portadoras de deficiências, que são discriminadas por causa de sua identidade étnica, cultural, religiosa, sexual, etária.

### Mc 7. 24-30

O texto fala da mesa em torno da qual se encontrava Jesus e da qual a mulher siro-fenícia se achava apartada. Trata-se de uma mulher e de uma estrangeira que reivindicava de Jesus participação nos benefícios do reino de Deus (sua filha estava doente e ela veio buscar socorro). O diálogo foi difícil, porque o perfil dessa pessoa não se enquadrava no de uma filha do povo eleito. Como excluída, passou pela humilhação de ser comparada aos cães. Na postura de Jesus, percebemos uma argumentação em favor do primeiro projeto, o de saber-se enviado para os seus, os da própria casa (Jo 1.11a). Todavia, a sua presença nessa terra estranha e na casa de uma família estrangeira evidenciam que “os seus não o receberam” (Jo 1.11b). Havia saído das fronteiras da própria terra em consequência dos atritos com as autoridades religiosas da própria “casa” (cf. Mc 7.1-23).

Talvez, por isso, a insistente argumentação da mulher siro-fenícia conseguiu mudar a posição de Jesus a ponto dele atender seu pedido. O conceito de salvação, antes amarrado à ideia do particularismo dos eleitos, experimenta aqui um alargamento até o horizonte universal. A condição de mulher estrangeira não mais a podia excluir dos benefícios do reino de Deus. Jesus não podia negar a essa mulher o que o homem rico negou ao pobre Lázaro: um lugar à mesa.

Sem dúvida, trabalha-se no texto o desafio do enfrentamento da barreira cultural e étnica. Sugere-se a criação de uma comunhão de mesa aberta, de uma comunidade reconciliada no nível étnico-cultural.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Sobre esse texto recomendo especialmente os estudos de GRUNDMANN, Walter. **Das Evangelium nach Markus**. 7. Aufl. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt GmbH, 1977. p. 196ss e de BOLYKI, 1998, p. 84ss.

### Lc 16.19-31

Lázaro representa as pessoas famintas, as socialmente excluídas na Palestina, que perfaziam a grande maioria da população.<sup>15</sup> A parábola passa a mensagem de que o homem rico (que representa um grupo minoritário no vértice da pirâmide social)<sup>16</sup> desperdiçou a oportunidade de abrir a porta ao mendigo, convidá-lo à sua mesa farta, partilhar com ele o pão e manter com ele comunhão.<sup>17</sup>

Propõe, portanto, a eliminação do abismo social que separava essas duas pessoas (e as classes sociais que representam) e a criação de uma comunidade inclusiva, construída sobre o paradigma da partilha, da distribuição dos bens acumulados.<sup>18</sup>

Portanto Jesus indica a mesa como lugar ideal de reconciliação entre as pessoas divididas por motivos sociais.<sup>19</sup>

### Lc 15.11-32

O filho mais moço da parábola, quando em terra estrangeira, não conseguira cumprir os preceitos religiosos ligados ao sábado, ao jejum e à pureza (especialmente enquanto cuidador de porcos). Além disso, desobedecera ao mandamento de não furtar (o texto diz que não se lhe dava nem as alfarrobas dos porcos para comer, tendo ele de roubá-las – v. 16). Por tudo isso perdera a condição de filho fiel do povo santo, merecendo a excomunhão. Do ponto de vista do sistema religioso vigente, tornara-se um proscrito. Como tal, representa todo um contingente de pessoas reprovadas pelo aparato legal, guarnecido pelos escribas e fariseus.

---

<sup>15</sup> Sobre a realidade social da Palestina na época de Jesus, cf. BRAKEMEIER, Gottfried. Pobres e pecadores na ótica de Jesus. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 13-63, 1985, p. 20s.

<sup>16</sup> A descrição de como este homem “todos os dias se regalava esplendidamente” e “se vestia de púrpura e de linho finíssimo” (Lc 16.19) o coloca, de acordo com Halvor Moxnes, “na categoria dos ricos egoístas e arrogantes, que não partilham com os outros, e se conservam afastados das pessoas comuns e necessitadas” (MOXNES, Halvor. **A economia do reino**: conflito social e relações econômicas no Evangelho de Lucas. São Paulo: Paulus, 1995. p. 90).

<sup>17</sup> Na interpretação de José Comblin, essa parábola “ilustra de modo particular a mensagem sobre a fome. Eis aqui face a face dois homens: um que passa a vida comendo e outro sentado à porta do primeiro, que está passando fome” (COMBLIN, José. A fome e a Bíblia. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis: Vozes, v. 46, p. 25-32, 1995, p. 30).

<sup>18</sup> De acordo com Halvor Moxnes, diferentemente daquilo que a elite greco-romana considerava normal, Lucas é mensageiro de uma perspectiva que olha a situação social a partir dos pobres. O evangelista “frisa que toda pessoa tem direito às necessidades alimentares básicas [...]. A principal exigência era que o alimento fosse usado no consumo comunitário, para o benefício de todos da comunidade, especialmente dos necessitados”. O mesmo autor afirma que, na maioria dos casos em que Lucas trata do tema das comunhões de mesa de Jesus, “as refeições de Jesus têm a função, não de criar divisões, mas de transpô-las e incluir pessoas. As refeições são expressões de hospitalidade e de doação, da reunião de pessoas de fora no círculo mais restrito da família” (MOXNES, 1995, p. 89ss).

<sup>19</sup> A mesma mensagem tem a história de Zaqueu (Lc 19.1-10), em que ele, quando Jesus se senta à sua mesa, resolve distribuir suas posses injustamente acumuladas exatamente aos pobres, às vítimas da concentração das riquezas.

A interpretação tradicional dessa parábola normalmente aceita o critério dos escribas e fariseus: a “saída” para as pessoas “excomungadas” é a volta, o arrependimento, a confissão da culpa, o reenquadramento no sistema religioso constituído. O binômio pecado-perdão recebe, então, toda a ênfase.<sup>20</sup> Sem colocar em dúvida a importância dessa mensagem espiritual, é necessário perceber que o sentimento de culpa não foi a única motivação que o filho proscrito teve para retornar à casa paterna. O que o moveu foi principalmente a fome. A urgente necessidade de pão está registrada de forma gritante na parábola: “começou a passar necessidade” (v. 14); “desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada” (v. 16); “quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome!” (v. 17). A situação a que é submetido um trabalhador estrangeiro, a profissão de cuidador de porcos, o desejo de comer alfarrobas tem menos a ver com consciência de pecado do que com um estado de miséria e vergonha.<sup>21</sup>

Certamente por isso o acolhimento promovido pelo pai se concentra na ordem de que a mesa fosse servida fartamente. A abundância de alimentos nessa mesa contrasta com a miséria em que vivia o filho amado. Agora é hora de comer, de festejar e de celebrar a comunhão (v. 22-24).<sup>22</sup>

Dessa comunhão de mesa nega-se a participar o irmão mais velho. Segundo a sua compreensão, a fome do irmão não justifica o seu acolhimento. O pai deve ser bondoso com quem fez por merecer sua bondade através da fidelidade às regras estabelecidas. Por isso o acolhimento do infiel deve ser condicionado a uma retração diante do sistema moral vigente. Com isso, esse filho mostra ser o legítimo representante dos vigilantes do aparato legal, ou seja, dos escribas e fariseus.

Portanto, nessa parábola, Jesus coloca frente a frente os proscritos e os que proscreevem. Surpreendente é o posicionamento do pai: ninguém é condenado; ambos são filhos amados. O texto enfatiza o empenho do pai em levar os dois filhos à mesa da comunhão.<sup>23</sup> O v. 28 diz expressamente com relação ao filho mais velho: “o pai procurava conciliá-lo”. Mas o filho fiel mostra-se irredutível diante da proposta de comunhão com o irmão proscrito. Fecha-se à possibilidade do diálogo com o diferente. Assume uma postura fundamentalista: opta em enclausurar-se no projeto particular de seu grupo religioso, rejeitando a alternativa de uma comunhão de mesa aberta.

<sup>20</sup> Essa ênfase está presente também na interpretação de JEREMIAS, 1971, p. 129ss.

<sup>21</sup> A consciência de pecado não está excluída do texto, mas aparece depois, nos v. 18 e 19, como parte do pequeno “discurso” que o jovem preparara para o encontro com o pai. Uma leitura não-espiritualizada dessa parábola tem apoio em KRÜGER, René. Lucas 15.1-3, 11-32. In: WESTHELLE, Viktor; KILPP, Nelson (Coords.). **Proclamar Libertação**: Auxílios Homiléticos. São Leopoldo: Sinodal, 1991. v. 17, p. 90, e em COMBLIN, 1995, p. 31.

<sup>22</sup> De acordo com Halvor Moxnes, essa parábola é um exemplo do uso moralmente bom das refeições no interior da comunidade da aldeia palestinese: o retorno do filho era um motivo justo para festejar juntamente com amigos e vizinhos (cf. Lc 15.6 e 9) e com eles partilhar a comida (MOXNES, 1995, p. 89).

<sup>23</sup> Três versículos são colocados a serviço do esforço do pai em reconciliar os irmãos (v. 28, 31, 32).

No texto, Jesus testemunha que Deus acolhe, em sua mesa farta de pão e comunhão, de forma incondicional, todas as pessoas, sejam as proscritas, sejam as que proscievem. Nessa mesa, há o empenho pela superação da exclusão baseada no fundamentalismo religioso. Há empenho em favor da reconciliação dos segmentos divididos do povo de Deus por razões religiosas.

A proposta do pai não é do tipo inclusivista. Não força o filho mais moço a aderir ao *modus vivendi* do irmão que escolheu a servilidade legalista, nem constrange o filho mais velho a aceitar o modelo de vida liberal do irmão mais moço. A atitude do pai é o convite a ambos para um novo espaço, que não é o do mais velho nem o do mais moço, mas o da reconciliação. Esse espaço aberto e gratuito é a mesa da comunhão e da partilha.

### Mc 6.30-44

Jesus encontra uma multidão faminta e desorientada como ovelhas que não têm pastor. A metáfora “pastor-ovelhas” provém do Antigo Testamento, onde é usada para designar a relação “governantes-governados”.<sup>24</sup> Os governantes eram chamados de “pastores” e lhes cabia cuidar do bem-estar de todo o povo. A metáfora “rebanho sem pastor” é usada no contexto dos profetas para criticar a liderança de Israel: a classe dirigente está mais ocupada em proteger seus próprios privilégios do que a prosperidade coletiva do povo, tornando-se por isso mercenária em vez de pastoral.<sup>25</sup>

Na época de Jesus, a função de “pastor” estava nas mãos de Herodes. O texto mostra que ele não está cumprindo o seu papel de cuidar do bem-estar do povo. Apenas uma elite usufrui dos benefícios de seu governo, grupo com quem se reúne em banquetes fechados, no palácio, lugar em que inclusive se trama a morte de líderes do povo, como foi o caso de João Batista (Mc 6.14-29). Seus banquetes são banquetes da morte, também porque o povo da Palestina da época morre de fome em consequência da má distribuição das riquezas.<sup>26</sup>

Em contraposição a Herodes, Jesus realiza banquetes de vida. O texto diz que “todos comeram e se fartaram”. Essa é, entre as várias mensagens do texto, sem dúvida, uma mensagem para a esfera política. Jesus era movido por um outro paradigma “político”: aquele que permite que a mesa seja posta para todas as pessoas.

O lado prático desse paradigma mostra-se na ordem de Jesus a seus discípulos: “dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6.37). Eis aí o desafio da partilha, colocado com o peso de toda a sua importância. Uma economia justa deve ter em vista relações sociais pautadas na solidariedade entre todos os membros da sociedade. A distribuição do pão será, então, uma consequência natural.

---

<sup>24</sup> Cf. MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 258.

<sup>25</sup> Cf. MYERS, 1992, p. 258.

<sup>26</sup> Sobre isso, recomendo WEGNER, Uwe. **Jesus e Economia no Evangelho de Marcos**. Reflexos da Brisa Leve. Belo Horizonte: CEBI, 1991. p. 99.

A mesa solidária, em que “todos comem e se fartam”, é um monumento à honra de uma sociedade e sinal de que, nesta sociedade, a relação entre governados e governantes alcançou um estado de autêntica reconciliação.

### Lc 14.7-14

Jesus aceita o convite de um fariseu para um jantar. Junto à mesa, encontram-se os amigos do fariseu, seus irmãos, parentes, vizinhos ricos (Lc 14.12). Esta era uma prática comum entre as pessoas abastadas das aldeias: o grupo de amigos se reunia para ceias fartas. Essas aconteciam em forma de rodízio, e o hospedeiro da vez arcava com os gastos do evento. Assim, num sistema de reciprocidade, todos os integrantes do grupo usufruíam e todos contribuíaam por igual.<sup>27</sup> Essas ceias previam um espaço para o discurso (simpósio). A palavra foi dada ao convidado Jesus. De sua fala é possível depreender a seguinte avaliação quanto ao tipo de hospitalidade praticada pelo referido grupo.

Primeiro: esse sistema de reciprocidade só funciona com pessoas que podem responder à altura na hora de promover a ceia. Só funciona num grupo de pessoas do mesmo nível social, com o mesmo poder aquisitivo. Só funciona com a mesma lista de convidados. Portanto só funciona em grupos fechados.<sup>28</sup>

Segundo: nesse tipo de hospitalidade, em que cada um chega na vez de pagar, na verdade, ninguém desembolsa nada além daquilo que gastaria consigo mesmo. No fundo, cada um paga a sua própria despesa. Não há doação, não há ajuda.<sup>29</sup>

Por isso Jesus desafia o fariseu: “Quando deres um jantar, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado. Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te” (Lc 14.12-13).

A modalidade alternativa de hospitalidade apresentada por Jesus inclui pessoas que estão nos limites da aldeia ou fora dela (pobres, aleijados, coxos e cegos)<sup>30</sup>, aquelas que não têm com que retribuir. Propõe a ruptura com o modelo que se fecha em torno da mesa dos iguais. Numa sociedade marcada pela desigualdade, Jesus desafia a uma hospitalidade que traz em si o potencial de desconstruir

---

<sup>27</sup> Cf. MOXNES, 1995, p. 123ss.

<sup>28</sup> De acordo com Halvor Moxnes, a função da hospitalidade no interior de um grupo é “manter mecanismos de sociabilidade entre pessoas do mesmo nível. Através dessa hospitalidade, o grupo é conservado na sua identidade de grupo; suas lealdades de grupo e seus laços internos são fortalecidos” (MOXNES, 1995, p. 125).

<sup>29</sup> A partilha de alimentos em grupos de elite, numa sociedade dividida em ricos e pobres, é excludente. Segundo Halvor Moxnes, “o comportamento dos convidados [da narrativa] é puro e simplesmente o reflexo da dinâmica social” (MOXNES, 1995, p. 123).

<sup>30</sup> Segundo a regra dos essênios, pessoas portadoras de deficiências não podiam fazer parte da comunidade de Qumran (cf. JEREMIAS, 1971, p. 173).

as diferenças: quem tem recursos convida quem não tem. Quem tem mais reparte sem esperar retorno.

Na verdade, atrás dessa argumentação de Jesus, brilha a ideia de um novo modelo econômico, construído sobre o princípio da distribuição. O texto ilumina as relações econômicas com outra lógica: a de uma mesa em que se distribui o pão existente entre todas as pessoas, uma mesa econômica em que se incluem sempre as pessoas e grupos que “não têm com que recompensar”, que não estão em condições de concorrer numa economia regida pela premissa da concentração de bens, da recompensa, do “toma lá, dá cá”.

Na compreensão de Jesus, a mesa não é um lugar de manutenção do *status quo*, mas um espaço em que se confeccionam novas listas de convidados, como a das pessoas que não têm com que recompensar o convite. O texto desafia a repensar nossa velha lista de convidados, aquela dos mesmos de sempre.

Quando, nas listas de convidados para as mesas, forem incluídas gratuitamente as pessoas que não têm com que recompensar, terá havido reconciliação no campo econômico.

## Conclusões

1. Quando Jesus caracteriza seu ministério pelo “servir à mesa”, está se referindo à sua intensa atividade em torno das mesas e ao seu intenso ensino sobre a necessidade de mesas de partilha e de comunhão.<sup>31</sup>

2. A principal marca da comensalidade de Jesus de Nazaré é a abertura. Não há seleção dos convidados. O convite é para todas as pessoas. Todas as pessoas são bem-vindas e acolhidas incondicionalmente. É a prefiguração do banquete do reino de Deus (Mt 8.11; Mt 22.1-14).

3. As comunhões de mesa de Jesus são mesas que saciam a fome dos pobres Lázarus e têm em vista a superação do abismo entre as classes sociais (Lc 16.19-31).

4. As comunhões de mesa de Jesus são mesas que têm em vista a criação de novas relações no nível econômico, construídas sobre o paradigma da partilha entre os desiguais (Lc 14.7-14).

5. As comunhões de mesa de Jesus são a desconstrução das barreiras culturais, para que os benefícios do reino de Deus não sejam particularizados (Mc 7.24-30).

---

<sup>31</sup> A relação de textos que o testemunham é muito maior, como foi dito. Sejam lembrados: a) a unção dos pés de Jesus por uma pecadora junto à mesa do fariseu Simão (Lc 7.36ss); b) Jesus come com pecadores (Mc 2.15-17); c) a parábola dos servos fiéis (Lc 12.35-38); Jesus promove comunhão de mesa com o publicano Zaqueu (Lc 19.1-10); e) Jesus acusado de glutão e bebedor de vinho (Mt 11.18s); f) Jesus e o jejum (Mc 2.18-27); g) o casamento de Caná (Jo 2.1-11); h) Marta e Maria (Lc 10.38-42); i) o lava-pés e a última ceia de Jesus; j) a ceia do resurreto com os discípulos de Emaús (Lc 24.28-35); k) a ceia do resurreto à beira-mar (Jo 21.1-14); m) o resurreto come diante dos discípulos (Lc 24.36-43).

6. As comunhões de mesa de Jesus são espaços em que a política é concebida como preparação de banquetes de vida, onde todos e todas possam comer e se fartar (Mc 6.30-44).

7. As comunhões de mesa de Jesus são espaços em que se pode enfrentar o fundamentalismo religioso e edificar sinais da mesa da reconciliação entre os segmentos divididos do povo de Deus (Lc 15.11-32).

8. As comunhões de mesa de Jesus são ceias com a marca da gratuidade; nelas são incluídas também as pessoas que não têm com que retribuir (Lc 14.7-14). Exemplo eloquente para isso é também a ceia de Jesus com Zaqueu (Lc 19.1-10). Esse, como publicano, nem podia ousar convidar Jesus para a sua casa, sob pena de ser recriminado pelos vigilantes da lei. Estava cercado, isolado. Jesus chama sobre si a recriminação que se destinava a Zaqueu e “se convida” (o texto diz que houve murmuração). Jesus quebra o isolamento de Zaqueu tornando-o um convidado para a sua própria casa, um hóspede em sua própria mesa. Jesus é o anfitrião, que acolhe Zaqueu inteiramente por graça. As nossas comunhões de mesa só serão autenticamente cristãs se Jesus for o anfitrião, se formos os convidados de Jesus em nossa própria casa. Por isso vale reformular nossa velha oração de mesa “Ó vem, Senhor Jesus, sê tu o nosso hóspede” em “Senhor Jesus, sê tu o nosso anfitrião... Convida-nos para a mesa da comunhão e permite-nos desfrutar da tua graça”.

Em sua prática de comensalidade, Jesus desconstrói as barreiras que dividem as pessoas. Reconstrói as relações quebradas. Reconcilia as partes divididas. Recompõe a unidade do povo de Deus. Por isso a diaconia que se quer fundamentar em Jesus aprende desse serviço de Jesus.

Para o nosso contexto latino-americano, isso tem implicações significativas. Num contexto de grandes abismos sociais, políticos e econômicos (diferenças alarmantes entre ricos e pobres, entre governantes e governados) e num contexto com grande diversidade cultural e religiosa (aspectos que igualmente criam enormes abismos entre os diferentes grupos étnicos, culturais e religiosos), fazer diaconia no espírito do ministério de Jesus representa grande responsabilidade e desafios de grande alcance. Representa para a igreja o esforço de construir mesas de reconciliação.

A partir disso fica mais fácil entender a que se refere o apóstolo Paulo quando, em 2Co 5.18, afirma: “Deus nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu a diaconia da reconciliação (*diakonian tês katalagês*)”. O texto original afirma expressamente que a reconciliação é uma tarefa diaconal.

Assim sendo, é possível formular a tese de que, em nosso contexto latino-americano, tão marcado pela dilaceração das relações humanas nos mais diferentes níveis, especialmente nos níveis social, religioso e étnico-cultural, o ministério da diaconia se apresenta como espaço privilegiado para o exercício da reconstrução das relações quebradas, de ensaio da ocupação do novo lugar que Deus cria para toda gente com vistas ao bem-estar de toda a *oikoumene*.

## Referências bibliográficas

- BECKER, Jürgen. **Jesus von Nazaret**. Berlin; New York: Gruyter, 1996.
- BEYER, Hermann Wolfgang. Diakonéo, diakonía, diákonos. In: KITTEL, Gerhard (Hrsg.). **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Stuttgart: Kohlhammer, 1950. v. 2, p. 81-93.
- BOLYKI, János. **Jesu Tischgemeinschaften**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1998.
- BRAKEMEIER, Gottfried. Pobres e pecadores na ótica de Jesus. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 13-63, 1985.
- COMBLIN, José. A fome e a Bíblia. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis: Vozes, v. 46, p. 25-32, 1995.
- CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- DRI, Rúben. **A utopia de Jesus**. São Paulo: Ícone, 1986.
- GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia em contexto de diversidade religiosa e cultural: um estudo a partir de comunidades afro-brasileiras e das comunhões de mesa de Jesus**. 2002. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2002.
- GRUNDMANN, Walter. **Das Evangelium nach Markus**. 7. Aufl. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt GmbH, 1977.
- JEREMIAS, Joachim. **As Parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Neutestamentliche Theologie**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus; Gerd Mohn, 1971. v. 1.
- KRÜGER, René. Lucas 15.1-3, 11-32. In: WESTHELLE, Viktor; KILPP, Nelson (Coords.). **Proclamar Libertação: Auxílios Homiléticos**. São Leopoldo: Sinodal, 1991. v. 17, p. 88-93.
- MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MOXNES, Halvor. **A economia do reino: conflito social e relações econômicas no Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulus, 1995.
- PERRIN, Norman. O que ensinou Jesus realmente? São Leopoldo: Sinodal, 1977.
- WAGNER, Heinz. Die Diakonie. In: AMMER, Heinrich et al. **Handbuch der Praktischen Theologie**. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt GmbH, 1978. v. 3, p. 263-318.
- WEGNER, Uwe. **Jesus e Economia no Evangelho de Marcos**. Reflexos da Brisa Leve. Belo Horizonte: CEBI, 1991. p. 93-110.